

A militância na academia

O trabalho de docentes em universidades pode ser pensado como um dos mais equitativos em termos de salário e condições de trabalho, mas essa profissão está envolta a relações de classe, raça, gênero, nacionalidade tal qual qualquer profissão. Mulheres, assim como populações negras e indígenas, só entraram em universidades em grande quantidade a partir da década de 1960, momento de expansão e crescimento dos movimentos sociais feministas e de populações negras e indígenas (MIGNOLO, 2003). No entanto, ainda que o acesso a esse campo de trabalho tenha aumentado substancialmente os processos de subalternização são reificados em inter-relações das mesmas categorias que impediam o acesso, tais como gênero e raça.

Não é por acaso que autores brancos europeus são mais citados tanto nos cursos quanto nas produções acadêmicas, assim como são os pesquisadores que tem mais pesquisas e, portanto, recebem mais verbas e reconhecimento. Mais que isso, a produção de conhecimento em universidades foi construída como separada do social, mas produtora da verdade, um discurso que justifica a maior parte de pesquisas estarem vinculadas a empresas ou serem usados pelos estados-nação, sem a identificação da produção de conhecimento com corpos privilegiados por ela.

Nesse contexto, a partir de autoras feministas e autores e autoras descolonialistas, tratamos como as propostas teórico-metodológicas em que essas autoras e autores tratam a produção de conhecimento em universidades: 1) propõem e explicam a militância na docência em universidades; 2) como a militância aparece no processo de desconstrução das produções acadêmicas e provoca mudanças nas condições e visões do trabalho docente universitário.

A geopolítica do conhecimento

¹ Este trabalho é parte da pesquisa “Linguajamentos e contra-hegemonias epistêmicas sobre linguagem em produções descolonialistas e pós-colonialistas”, orientada pela Profa. Dra. Joana Plaza Pinto e financiado pelo CNPq/UFG, via PIBIC. Aqui estão expressos alguns resultados parciais.

Esse trabalho, ainda em processo de conclusão, foi realizado mediante análise e busca por produções escritas sobre linguagem de autoras e autores auto-identificados como descolonialistas e feministas terceiro-mundistas. A busca por concepções de linguagem em diferentes conceituações, língua, escrita, discurso, em diversos meios de comunicação - sites de universidades e bibliotecas -, apontou em várias produções escolhidas e analisadas um entrelaçamento a estudos sobre políticas de legitimação de conhecimento. É desse ponto, da legitimação do conhecimento, que partimos para repensar a desconstrução do conhecimento a partir do trabalho docente universitário.

A inserção de vertentes como feministas, estudos culturais, estudos subalternos, pós-colonialistas e descolonialistas dentro das universidades marca o acesso de pessoas de grupos subalternizados assim como o repensar da prática docente em termos teórico-metodológicos (RICHARD, 1996; MIGNOLO, 2003).

Tanto as autoras de vertentes feministas quanto as autoras e autores, maioria da América Latina, da vertente descolonialista, apontam em suas produções que o conhecimento acadêmico é resultado das imposições e resistências de conflitos entre diversos grupos de um tempo e espaço, de forma que a colonização, e a partir dela a *colonialidade do poder/saber* (QUIJANO, 2005) e a *diferença colonial* (MIGNOLO, 2003) são acontecimentos recentes que fundamentaram o conhecimento científico e produzem ainda hoje discursos e políticas de hierarquização entre grupos e pessoas.

Mais que a ampliação de conceitos assim como a desconstrução de alguns, língua e linguagem (MIGNOLO, 2003), objetividade e universalidade (RICHARD, 1996), ao partir de uma concepção de conhecimento localizada a produção de conhecimento passa a ser mapeada a partir da *geopolítica do conhecimento*, corpos, lugares e interesses específicos marcam qualquer produção acadêmica (MIGNOLO, 2003).

A inserção de autoras e autores feministas e descolonialistas é uma inserção de grupos militantes dentro das universidades e na produção acadêmica de forma que as produções dessas autoras e autores questionam suas práticas a ponto de mudarem em suas profissões as trocas rituais de referências, citam e lêem autoras e autores fora do circuito ocidental, articulando mais conceitos e mais corpos, representando grupos distintos em diversas áreas sociais. As vertentes feministas que articulam *como o feminismo mudou a Ciência* questionam como a proposta de ter mulheres encabeçando pesquisas em universidades revolucionou maneiras de lidar com corpos e idéias sobre a humanidade nas áreas da saúde, tecnologia, e humanidades (SCHIEBINGER, 2001).

A inserção de autoras e autores desses grupos promoveu e promove mudanças também nas condições de trabalho docente de um ponto de vista amplo: fazem surgir concursos de produções sobre marcadores sociais; intervém em grupos de trabalho e propostas de políticas públicas em que os grupos envolvidos são grupos historicamente minoritarizados; criam dentro das universidades comitês e propostas de ações afirmativas; criam mecanismos de auxílio e incentivo a estudantes identificados em grupos hierarquizados. De forma ampla e localizada essas autoras e autores proporcionam uma representação corporal/política de grupos transformando as relações sociais, dentre elas as relações de trabalho, dentro e fora da academia.

Referências

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad.: Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgar (org.). *A colonialidade do saber, eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 227-278.

RICHARD, Nelly. Signos Culturais y Mediações acadêmicas. In: STEPHAN, Beatriz González (org.). *Cultura y tercer mundo, 1. Cambios en el saber académico*. Nueva Sociedad. Venezuela, p. 1-22. 1996.

SCHIEBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência*. Trad.: FIKER, Raul. Bauru, São Paulo: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 2001. Introdução.